



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/09/2024 e 12/09/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/09/2024	9,89	318,40	40,77	5,53	3,83
09/09/2024	10,00	317,80	41,61	5,55	3,84
10/09/2024	9,77	310,60	40,85	5,58	3,79
11/09/2024	9,79	313,30	40,32	5,63	3,80
12/09/2024	9,91	316,50	40,81	5,63	3,86
Média	9,87	315,32	40,87	5,58	3,82

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	121,00	
RS – Não Me Toque	121,00	
RS – Londrina	122,00	
PR – M.C.Rondon	123,00	
MT – C.N.Parecis	119,00	
MS – Maracaju	130,00	
GO - Rio Verde	123,00	
BA – L.E.Magalhães	120,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	66,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	57,00	
SC – Rio do Sul	59,00	
PR – M.C.Rondon	50,00	
PR – Londrina	50,00	
MT – C.N.Parecis	40,00	
MS – Maracaju	51,00	
SP – Itapetininga	59,00	
SP – Campinas	63,00	CIF
GO – Rio Verde	51,00	
GO – Jataí	51,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	80,00	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 11/09/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 12/09/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,02	123,20	68,94

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
12/09/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	114,99
Feijão (saco 60 Kg)	323,75
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,55
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,62**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,85

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, recuaram nesta semana, na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado nesta quinta-feira (12). Após o relatório, embora o mesmo tenha sido neutro, o fechamento, para o primeiro mês cotado, neste dia 12/09, acabou reagindo um pouco e ficou em US\$ 9,91/bushel, após US\$ 9,77 no dia 10/08 e US\$ 10,08/bushel uma semana antes.

O relatório pouco mudou o cenário geral da nova safra de soja nos EUA. A produção local continuou prevista em 124 milhões de toneladas, mais precisamente em 124,8 milhões, enquanto os estoques finais locais, para o ano 2024/25, registraram leve recuo, para 15 milhões de toneladas. No entanto, a produção mundial da oleaginosa foi aumentada para 429,2 milhões de toneladas, com os estoques finais mundiais passando a 134,6 milhões de toneladas. A produção brasileira foi mantida em 169 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina permaneceu em 51 milhões. As importações chinesas de soja, neste novo ano comercial, foram mantidas em 109 milhões de toneladas. Com isso o preço médio ao produtor de soja, nos EUA, permanece projetado em US\$ 10,80/bushel, contra US\$ 12,50 no ano anterior.

Dito isso, no dia 08/09 as lavouras de soja estadunidense se mantinham em 65% entre boas a excelentes, contra 54% um ano antes. Outros 25% estavam regulares e 10% entre ruins e muito ruins.

Além disso, na semana encerrada em 05/09, os EUA venderam 1,6 milhão de toneladas da safra nova de soja, sendo a maior parte para a China. O volume ficou dentro do esperado pelo mercado. Em relação a safra velha, os EUA exportaram, até aquela data, um total de 45,4 milhões de toneladas, ficando este volume abaixo das mais de 53 milhões exportadas em igual momento do ano anterior.

Já na Argentina, os produtores locais de soja continuam apostando em maior plantio da oleaginosa do que de milho. A área de soja deverá alcançar, no vizinho país, 17,7 milhões de hectares, ou seja, 7,5% acima do registrado no ano anterior. Com isso, a colheita argentina poderá atingir entre 52 e 53 milhões de toneladas, isto é, acima do que o USDA vem indicando. E a área de milho vem sendo reduzida devido à falta de chuvas e ao problema da cigarrinha. A mesma poderá ser 21% menor do que a registrada no ano anterior, atingindo a 8 milhões de hectares na Argentina, com a colheita podendo chegar entre 51 e 52 milhões de toneladas.

E pelo lado da demanda, a China importou 12,1 milhões de toneladas de soja em agosto, com os compradores locais aproveitando os preços mais baixos. O volume importado supera em 29% o adquirido um ano atrás. Mas o aumento se deve ao fato de que navios tiveram o desembarço alfandegário atrasado no mês anterior, sendo liberados em agosto. Assim, no total dos oito primeiros meses do corrente ano a China importou 70,5 milhões de toneladas de soja, com aumento de 2,8% sobre o mesmo período do ano anterior. Por outro lado, embora os estoques chineses de soja e farelo de soja tenham diminuído um pouco, os mesmos continuam altos por lá. (cf. Reuters)

E no Brasil os preços se mantiveram relativamente estáveis na semana, diante de um câmbio que voltou a registrar uma pequena desvalorização do Real, com a moeda brasileira chegando um pouco acima de R\$ 5,60 por dólar novamente. Assim, o preço

médio no Rio Grande do Sul fechou a semana em R\$ 123,20/saco, com as principais praças oscilando entre R\$ 121,00 e R\$ 122,00/saco. Nas demais regiões brasileiras, os preços giraram entre R\$ 119,00 e R\$ 130,00/saco.

Dito isso, a exportação de soja por parte do Brasil, na primeira semana de setembro, atingiu a 270.400 toneladas na média diária, ficando a mesma 15,5% abaixo do registrado em todo o mês de setembro de 2023. Já a exportação de milho, no mesmo período, atingiu a média diária de 311.600 toneladas, com 28,7% abaixo do registrado em todo o mês de setembro do ano passado.

Por sua vez, a comercialização antecipada da nova safra brasileira 2024/25 atingiu a 22,5% do volume esperado, contra 17,9% em igual momento do ano anterior. A média histórica é de 26,4% nesta época do ano. Já a comercialização da safra velha chegou a 82,2% da produção total, contra 79,8% no mesmo período do ano passado. (cf. Safras & Mercado)

Especificamente no Mato Grosso, as vendas antecipadas de soja atingem a 30,4% da colheita esperada para 2024/25, contra a média histórica de 36,4% para a época. A média do preço futuro, naquele Estado, recuou para R\$ 107,20/saco, o que freou as vendas. O plantio neste Estado deve se iniciar neste mês de setembro, porém, o clima seco está atrapalhando o processo. Mesmo assim, se espera uma produção final estadual de 44 milhões de toneladas, ou seja, 12,8% acima do colhido na parcialmente frustrada safra anterior.

Enfim, a tendência é que o plantio da safra de soja, neste ano, venha a ser mais tardio no Brasil devido ao clima seco e às queimadas generalizadas em grande parte das regiões produtoras do país. Esta situação vem colaborando para segurar os preços da soja em Chicago nos atuais níveis.

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, para o primeiro mês cotado em Chicago, recuou um pouco nesta semana. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (12) em US\$ 3,86, contra US\$ 3,90 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 12/09, indicou o seguinte para a safra 2024/25:

- 1) a produção nos EUA foi aumentada em um milhão de toneladas, passando agora para 385,7 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais naquele país ficariam em 52,3 milhões de toneladas;
- 2) a produção mundial foi reduzida para 1,218 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais caíram quase dois milhões, para 308,4 milhões de toneladas;
- 3) a produção brasileira de milho está projetada em 127 milhões, enquanto a da Argentina em 51 milhões de toneladas;

4) o preço médio ao produtor estadunidense de milho recuou para US\$ 4,10/bushel na perspectiva de 2024/25.

Dito isso, os EUA, até o dia 08/09, haviam colhido 5% de sua área de milho, contra 3% na média histórica. Do que resta a colher, 64% das lavouras estavam entre boas a excelentes condições, contra 52% no mesmo período do ano anterior, enquanto outras 24% estavam regulares e 12% entre ruins a muito ruins.

Na semana encerrada em 05/09 os EUA exportaram 1,8 milhão de toneladas de milho, superando a expectativa do mercado. O volume vendido da safra nova, até o momento, atinge a 11,2 milhões de toneladas, contra 10,4 milhões na mesma época do ano anterior. E no acumulado do atual ano comercial, que se encerra em 30/09, o volume chega a 55,8 milhões de toneladas, contra pouco mais de 40 milhões no mesmo período do ano anterior.

E no Brasil os preços melhoraram um pouco mais em algumas praças. A média gaúcha fechou a semana sem novidades, ficando em R\$ 58,02/saco, enquanto as principais praças do estado avançaram para R\$ 57,00/saco. No restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 40,00 e R\$ 59,00/saco.

Novas projeções nacionais, para a futura safra de milho brasileira, dão conta de que o total poderá chegar a 133,6 milhões de toneladas, superando em cerca de 6 milhões o que vem sendo indicado pelo USDA em seus relatórios. Em se confirmando este volume, o mesmo será 6% superior ao colhido no ano anterior. A área total a ser semeada deverá atingir a 20,9 milhões de hectares, porém, a produtividade média deve avançar para 6.400 quilos/hectare, desde que o clima ajude. A futura safra de verão deverá atingir a 24,3 milhões de toneladas, contra 25,6 milhões no ano anterior, enquanto a safrinha 2025 chegaria a 94,6 milhões de toneladas no Centro-Sul brasileiro, contra 85,9 milhões no ano anterior. (cf. Safras & Mercado)

Pelo lado das exportações, segundo a Secex, o Brasil vendeu, nos primeiros cinco dias úteis de setembro, um total de 1,6 milhão de toneladas de milho, com a média diária representando um recuo de 28,7% sobre o exportado diariamente no mês de setembro do ano anterior. Portanto, para chegar ao mínimo de 40 milhões de toneladas exportadas no ano, volume ainda insuficiente para enxugar os estoques nacionais do cereal, o país ainda precisa exportar 26 milhões de toneladas entre setembro e janeiro.

Dito isso, a Anec espera que, em setembro, o Brasil chegue a 6,5 milhões de toneladas exportadas de milho.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, após ensaiarem um recuo durante a semana, voltaram aos patamares da semana anterior, com o fechamento desta quinta-feira (12), após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, atingindo a US\$ 5,63/bushel, contra US\$ 5,61 uma semana antes.

Já o relatório do USDA apontou, para a safra 2024/25, uma produção total do cereal, nos EUA, de 53,9 milhões de toneladas, sem modificações em relação ao relatório de agosto. Enquanto isso, os estoques finais estadunidenses somariam 22,5 milhões de toneladas, ficando idênticos ao indicado em agosto. A produção mundial de trigo somaria 796,9 milhões de toneladas, perdendo pouco mais de um milhão de toneladas sobre agosto. E os estoques finais mundiais aumentariam um pouco mais de 600.000 toneladas, atingindo a 257,2 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio ao produtor de trigo estadunidense, no novo ano comercial, permanece estimado em US\$ 5,70/bushel, contra US\$ 6,96 um ano antes. A produção brasileira é esperada em 9,5 milhões de toneladas, enquanto no Brasil as estimativas dão conta de 8,8 milhões. Já na Argentina o relatório aponta uma colheita de 18 milhões de toneladas de trigo.

Dito isso, a colheita do trigo de primavera, nos EUA, atingia a 85% da área em 08/09, contra 83% na média histórica.

E na Argentina, a Bioceres informou que serão precisos dois anos, pelo menos, para que a empresa comece a comercializar seu trigo geneticamente modificado HB4 nos EUA. Lembrando que o governo estadunidense acaba de aprovar o cultivo do produto.

Por outro lado, no Brasil, enquanto a colheita no Paraná avança lentamente, os preços do produto de qualidade superior subiram novamente. Isso se deve à constatação de que a safra paranaense terá quebra razoável, assim como novas limitações de qualidade no produto, devido às geadas de julho e agosto.

Assim, os preços nas principais praças gaúchas alcançaram R\$ 68,00/saco, com a média estadual atingindo a R\$ 68,94. Já no Paraná os preços do produto superior bateu em R\$ 80,00/saco em Londrina e R\$ 79,00 em Marechal Cândido Rondon.

Por sua vez, as importações continuam ocorrendo, mesmo com a desvalorização do Real, que torna mais cara a compra externa. Segundo a Secex, entre janeiro e agosto o país importou 4,6 milhões de toneladas de trigo, já superando em 9% o importado em todo o ano passado. Somente em agosto as compras atingiram a 545.460 toneladas, quase dobrando o total importado em agosto de 2023.

A colheita no Paraná atingia a 18% da área no final da semana passada, sendo que 33% do que restava a colher se apresentava em condições ruins. (cf. Deral) E no Rio Grande do Sul, no dia 12/09 cerca de 19% das lavouras estavam na fase de enchimento de grãos, contra 28% na média histórica para a data. A colheita deverá se iniciar no final de outubro neste Estado.

Enfim, alertas de estudos internacionais dão conta de que as mudanças climáticas mundo afora deverão favorecer o desenvolvimento da brusone, podendo reduzir em 13% a produção mundial de trigo. Nos países da América do Sul, onde o Brasil se encontra e o problema já ocorre, as áreas de trigo vulneráveis à doença passariam de 13% para 30%. E nas condições atuais, a brusone já representa ameaça a 6,4 milhões de hectares de trigo no mundo. Em um cenário de mudanças climáticas, por volta de 2050, a doença poderia afetar 13,5 milhões de hectares, com perdas que podem chegar a 69 milhões de toneladas de trigo por ano. (cf. artigo "Production vulnerability to wheat blast disease under climate change" - Vulnerabilidade da produção de trigo à brusone sob mudanças do clima -, publicado na Nature Climate Change)